

Como um grego antigo nas ruas de Bizâncio: (auto) biografia, invenção de si e narrativa histórica em Diário de uma expedição, de Euclides da Cunha

Raimundo Nonato Pereira Moreira
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Resumo: Este trabalho apresenta alguns resultados da pesquisa *Euclides da Cunha na Bahia: uma investigação histórica acerca da presença do correspondente de O Estado de São Paulo no território baiano durante a Guerra de Canudos*. Para tanto, analisam-se onze reportagens que integram o *Diário de uma expedição* (1935), escritas por Euclides, durante a sua estadia em Salvador, no período de 7 a 30 de agosto de 1897. Na sequência, evidenciam-se indícios da presença do autor de *Os Sertões* (1902) nos periódicos baianos da época – a exemplo do *Diário da Bahia*, *Jornal de Notícias* e *Diário de Notícias*. Finalmente, discutem-se elementos autobiográficos e pertinentes à escrita de si, presentes nos textos do correspondente de guerra, relacionando-os com as reflexões teóricas e metodológicas delineadas por autores como Pierre Bourdieu, Giovanni Levi, Sabina Loriga e Angela de Castro Gomes.

Palavras-chave: Autobiografia, escrita de si, Euclides da Cunha.

Abstract: This paper presents some results of the research *Euclides da Cunha in Bahia: a historical investigation about the existence of a correspondent to the newspaper “O Estado de São Paulo” in the territory of Bahia during the Canudos War*. In order to do that, eleven reports, which integrate *Diário de uma expedição* (1935), written by Euclides da Cunha during his stay in Salvador, in the period between August 7th and August 30th, in 1897, are analysed. In the sequence, it is clear the presence of the author of *Os Sertões* (1902) in the periodicals from Bahia of that time - as examples we can mention: *Diário da Bahia*, *Jornal de Notícias* and *Diário de Notícias*. Finally, autobiographical elements and elements related to the writing about the self presents in the texts of the war correspondent are discussed, relating these elements to the theoretical reflections and methodologies produced by authors like Pierre Bourdieu, Giovanni Levi, Sabina Loriga and Angela de Castro Gomes.

Key-words: Autobiography, writing about the self. Euclides da Cunha.

Baía de Todos os Santos, manhã ensolarada de uma sexta-feira, 7 de agosto de 1897. A bordo do navio *Espírito Santo*, o engenheiro militar, tenente reformado do Exército e correspondente de guerra de *O Estado de São Paulo*, Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) mirava a “fachada” da cidade do Salvador – uma imagem que lembrava a conhecida fotografia de Benjamin Mulock (1829-1863). Deslumbrado com a visão da entrada “belíssima e arrebatadora” da enseada, o viajante registrou as suas primeiras impressões, em uma matéria, enviada para diário paulistano: “Escrevo rapidamente, direi mesmo vertiginosamente, acotovelado a todo instante por passageiros que irradiam por todas as direções sobre o tombadilho, na azáfama ruidosa da chegada, através de um coro de interjeições festivas no qual meia dúzia de línguas se amoldam no mesmo entusiasmo”

(CUNHA, 2000: 63-64) . No corpo do texto, Euclides estabeleceu a primeira analogia entre a antiga capital colonial e uma metrópole da Antigüidade, localizada no estreito do Bósforo:

Vendo-a, deste ponto, com as suas casas ousadamente aprumadas, arrimando-se na montanha em certos pontos, vingando-a noutros e erguendo-se a extraordinária altura, com as suas numerosas igrejas de torres esguias e altas ou amplos e pesados zimbórios, que recordam basílicas de Bizâncio – vendo-a deste ponto, sob a irradiação claríssima do nascente que sobre ela se reflete dispersando-se em cintilações ofuscantes, tem-se a mais perfeita ilusão de vasta e opulentíssima cidade (Ibid.: 65).

Esboçada ao largo da Baía de Todos os Santos, a matéria foi primeira das onze reportagens produzidas por Euclides da Cunha, durante a sua permanência em Salvador, a caminho do teatro das operações da Guerra de Canudos (1896-1897), que se estendeu até o dia 30 de agosto. A esse respeito, a narrativa euclidiana sobre o conflito antecedeu à sua presença no território baiano, na medida em que foi inaugurada por dois ensaios, intitulados “A Nossa Vendéia”, publicados em 14 de março e 17 de julho de 1897, nas páginas de *O Estado de São Paulo*. No texto em discussão, o escritor avaliou a derrota das tropas federais, comandadas pelo tenente-coronel Antônio Moreira César (1850-1897), frente aos adeptos de Antônio Vicente Mendes Maciel (1830-1897), o *Conselheiro*, no arraial de Canudos, em 3 e 4 de março daquele ano. Assim, Euclides estabeleceu uma “aproximação histórica” entre os acontecimentos do sertão da Bahia e os da Vendéia (1793-1796) – uma revolta de camponeses e nobres franceses, católicos e monarquistas, os quais se opunham aos princípios da Revolução de 1789. Ademais, enfrentando o desconhecimento geral acerca da geografia e dos aspectos humanos da região de Canudos, “A Nossa Vendéia” estava recheada de alusões e menções a naturalistas e viajantes, tais como Karl von Martius (1794-1868), Augustin de Saint-Hilaire (1779-1853), Alexander von Humboldt (1769-1859), Joaquim Caminhoá (1836-1896), dentre outros (Ibid.: 43-52).

Rapidamente, os ensaios tornam o autor conhecido na grande imprensa brasileira. Sob a pena de Euclides, Canudos transformou-se numa usina produtora de textos. De março a julho de 1897, escreveu, além de “A Nossa Vendéia”, seis artigos para o *Estado de São Paulo*. Como correspondente, fez publicar trinta e dois artigos e cinquenta e quatro telegramas, com notícias sobre o conflito – além de enviar três telegramas ao governador de São Paulo, reproduzidos pelo *Estado*. Ao todo, foram trinta e quatro artigos e cinquenta e sete telegramas sobre Canudos escritos para o periódico bandeirante (VENTURA, 2003: 152). A repercussão favorável dos textos iniciais foi decisiva para a contratação de Euclides como correspondente de guerra de *O Estado de São Paulo* e a assinatura de um contrato entre a

empresa jornalística e o engenheiro, no qual se firmava que ele deveria enviar material do teatro das operações e tomar notas para escrever um “trabalho de fôlego” sobre Canudos e o Conselheiro. Aqui, cabe lembrar que, graças a um pedido de Júlio Mesquita (1862-1927), proprietário do jornal, o engenheiro militar foi incorporado ao estado-maior do ministro da guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt (1840-1897). Em 3 de agosto, no Rio de Janeiro, juntou-se ao *staff* do ministro e partiu para a Bahia, levando consigo uma caderneta de anotações, intitulada *A Nossa Vendéia: Diário de uma expedição*.

Assim, destaque-se que as reportagens escritas para *O Estado de São Paulo* assumiram o formato de um diário de campanha, no qual o correspondente de guerra comunicava aos leitores acerca o desenrolar dos acontecimentos. A esse respeito, podem-se delinear, neste momento do trabalho hora apresentado, breves considerações relacionadas ao gênero biográfico. Portanto, destaque-se que, nas últimas décadas do século XX, os vínculos entre a História e a biografia experimentaram transformações qualitativas. Loriga (in: REVEL, 1998: 225) resumiu o significado dessa “reviravolta radical”, destacando que, após um longo período de desgraça, durante o qual os historiadores se interessaram pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou a ocupar um lugar central nas preocupações das investigações históricas. Conforme a mesma historiadora, o “retorno” da biografia remeteu-se principalmente às experiências historiográficas atentas ao cotidiano e a outras subjetividades – tais como a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres. Assim, o desejo de estender o campo da História, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico.

Por sua vez, Levi (in: FERREIRA; AMADO, 1998: 167-169) sublinhou que, no período enfocado, a biografia voltou ao centro das preocupações dos historiadores, denunciando, entretanto, as suas ambigüidades. Em determinados casos, recorre-se ao gênero biográfico para sublinhar a irredutibilidade dos indivíduos e de seus comportamentos a sistemas normativos gerais, levando em consideração a experiência vivida; em outros, a biografia é vista como o terreno ideal para provar a validade de hipóteses científicas concernentes às práticas e ao funcionamento efetivo das leis e das regras sociais. Fecundo e ambíguo, o gênero biográfico colocou uma interrogação para os historiadores: a biografia pode ser um instrumento de pesquisa social ou, ao contrário, propõe uma forma de evitá-la? Para o historiador italiano, um aspecto significativo do gênero vincula-se às relações entre história e narrativa, constituindo-se em canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura são transmitidos à historiografia. Assim, as novas relações estabelecidas entre a biografia e o conhecimento histórico alimentaram a renovação

da narrativa, como também motivaram o interesse por outras fontes, nas quais se poderiam descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano, ausentes nos documentos de arquivo, além de reascender o debate sobre as técnicas argumentativas e o modo pelo qual a pesquisa se transforma em um ato de comunicação, através de um texto escrito.

O novo papel desempenhado pela biografia nos estudos históricos conduziu ao debate relacionado à chamada *escrita de si*, ou seja, certo gênero de escritos que abarca tanto os diários, quanto as correspondências, as biografias e as autobiografias – independente do fato de serem memórias ou entrevistas de história de vida. Para Gomes (2004: 07-15), a escrita auto-referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo ocidental. Conforme a autora, essa escrita expressou uma nova relação entre os indivíduos comuns e a produção deliberada de uma memória de si – prática intensificada, *grosso modo*, a partir do século XVIII. Nesse contexto, mediante diversos tipos de práticas, o indivíduo moderno constituiu uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a ser alargado. Sob essa perspectiva, tratava-se de um indivíduo que postulava uma identidade para si e buscou registrar a sua vida. Dessa forma, não somente o “grande” homem, o herói, a quem se autoriza deixar a sua memória pela excepcionalidade dos seus feitos, passou a ter o direito a escrever a própria história. Conseqüentemente, nas última décadas do século passado, historiadores e historiadoras foram postos frente à necessidade de incorporar esses objetos ao seu ofício, o que demandou a construção de novas metodologias e categorias de análise, assim como o enfrentamento da questão referente à dimensão subjetiva desse tipo de documentação – a exemplo dos problemas relacionados à autenticidade, à sinceridade e à singularidade da *escrita de si*. Nesse ponto, os (as) amantes de Clio, anteriormente, utilizassem essa categoria de documentos, nos últimos anos a *escrita de si* experimentou uma mudança no seu *status* historiográfico – transformando-se em objeto privilegiado de pesquisa histórica.

No intuito de estabelecer nexos entre as reflexões anteriormente esboçadas e o tema central da presente apresentação, sublinhe-se que o *corpus* documental produzido por Euclides, durante a sua permanência na Bahia, apresenta estreitas relações com a escrita de si. Não bastassem as reportagens, escritas sob a forma de um diário, o correspondente escreveu cartas para amigos e familiares e tomou notas acerca das suas impressões em uma caderneta de campo. Na capital baiana, hospedou-se na casa de um tio paterno, José Pimenta da Cunha, localizada na Rua da Mangueira, vizinha ao centro da cidade. Imprimindo ao seu trabalho um ritmo febril, expediu telegramas e reportagens, percorreu hospitais e fortes, entrevistou militares feridos, habitantes da cidade e um dos prisioneiros canudenses, o adolescente de

prenome Agostinho. Por fim, visando preencher o vazio de notícias colhidas diretamente do *front*, pesquisou sobre Canudos e o Conselheiro “na poeira dos arquivos” soteropolitanos.

Ao longo da estadia forçada em Salvador, Euclides elaborou onze reportagens e remeteu trinta e cinco telegramas para *O Estado de São Paulo*. Os limites do presente trabalho impossibilitam uma análise sistemática do conjunto desses. Assim, melhor concentrar as observações em algumas matérias, nas quais o correspondente “confessou” mais explicitamente sentimentos contraditórios no tocante à guerra travada no sertão ou quando apresentou dados relevante para a interpretação da história de Canudos. Dessa forma, a reportagem de 20 de agosto releva um Euclides múltiplo e terrivelmente dividido. Em virtude do constante adiamento da partida do marechal Bittencourt para o sertão, o correspondente receava não presenciar a tomada do “arraial maldito” pelas tropas da República. Desconsolado, perambulava pelos logradouros da velha Salvador, deplorava a indisponibilidade de tempo para realização de outro projeto intelectual e buscava comunicar aos leitores os pensamentos que o atormentavam:

Aguardando ainda, contrafeito, a próxima partida para o sertão, percorro – desconhecido e só – como um grego antigo nas ruas de Bizâncio as velhas ruas desta grande capital, num indagar persistente acerca das suas belas tradições e observando a sua feição interessante de cidade velha chegando, intacta quase, do passado a estes dias agitados.
E lamento que o objetivo capital e exclusivo desta viagem me impeça estudá-la melhor e transmitir impressões recebidas.
Porque é realmente inevitável esta intercorrência de sensações estranhas e diversas, invadindo de modo irresistível o assunto e programa estabelecidos.
Numa hora assaltam-me, às vezes, as mais desencontradas impressões (CUNHA, op. cit.: 111-112).

Já a reportagem do dia seguinte problematiza a dupla face do trabalho de investigação de Euclides – na medida em que o jornalista se dirigia aos leitores, anunciando os progressos realizados pelo historiador. Nesse texto, o autor comunicava acerca das suas pesquisas sobre as andanças do Conselheiro. Afirmava estar diante de duas brochuras antigas e de um exemplar do jornal *A Pátria*, de São Félix do Paraguaçu, de 20 de maio de 1894. Na última das reportagens escritas em Salvador, no dia 23 de agosto, Euclides, ainda desempenhando o papel do historiador de Canudos, transcreveu uma longa passagem do livro *Descrições práticas da província da Bahia* (1888), escrito pelo tenente-coronel Durval Viera de Aguiar, na qual o militar narrava um encontro com o *beato*, em 1882. Não obstante a relevância da obra e do conjunto das informações nela dispostas para os escritos euclidianos, um aspecto fundamental na matéria era o tom de despedida do correspondente, pois esperava tomar o rumo de Canudos dentro em breve. Dirigindo-se aos leitores, afirmava: “Será esta a última

carta que escreverei deste ponto aonde, involuntariamente, fiquei retido, lutando com uma falta de assunto extraordinária, que já deve ter sido percebida. Ao chegar ela aí, já estaremos a caminho do sertão” (Id.: 126).

Não obstante, a impaciência, Euclides ainda teve que aguardar mais uma semana, pois o comboio chefiado pelo ministro da guerra somente partiu ocorreu em 30 de agosto, uma segunda-feira – e a partida foi concorridíssima. O correspondente de *O Estado de São de Paulo* estimou a presença de mais de duas mil pessoas na Estação da Calçada. Segundo o *Diário de Notícias*, o embarque ocorreu às 13 horas e 10 minutos, sob intensa emoção:

Indescriptível o murmurio produzido pela multidão presente, se acotovelando, empurrando-se, homens, mulheres, crianças, todos a luctarem por um ponto mais alto, mais facil, de onde vissem as pessoas dos illustres militares [...] Ao signal da partida, 1 hora e 10 minutos, ao mesmo tempo detonou um ruido vibrante prolongado, effeito dos vivas erguidos a s exas. e ao governador do estado (*Diario de Noticias*, 30 de agosto de 1897:01).

Por sua vez, o *Diário da Bahia*, publicou extensa reportagem, que procurou traduzir a atmosfera de comoção que tomou conta dos presentes:

Lenços e bonets agitavam-se ao som da musica das bandas militares e das aclamações de toda a gente, que alia assistia à partida de mais um punhado de heroicos defensores da lei e da Republica. Os adeuses misturavam-se com os vivas e os sons das musicas num coro indescriptivel de pesar e de entusiasmo (*Diario da Bahia*, 31 de agosto de 1897: 01).

Assim, Euclides partiu da Estação da Calçada, com destino a Queimadas, a parada de trens mais próxima do arraial do Conselheiro, e de lá seguiu para Monte Santo, base das operações militares, ali permanecendo até 13 de setembro. No caminho de Salvador a Canudos, o narrador-viajante descreveu impressões acerca das cidades e dos lugares por onde passou: Camaçari, Pojuca, Catu, Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansanção, Quirinquinquá e Monte Santo. Finalmente, de acordo com o registro que fez na *Caderneta de Campo*, chegou a Canudos às catorze horas do dia 16 de setembro (CUNHA, 1975: 53-54). No teatro das operações, Euclides deparou-se com uma cidade semidestruída pelos bombardeios e com a sua população torturada pela fome e pela sede. No dia 29 de setembro, na companhia de oficiais do Exército, passeou pelas ruas de Canudos, embrenhando-se na “tapera colossal”. Na *Caderneta de Campo*, esforçou-se por traduzir o seu sentimento: “Não posso definir a comoção ao entrar no arraial” (CUNHA, 1975: 69). Horrorizou-se com as imagens dos cadáveres carbonizados dos sertanejos, ainda fumegando, “como piras sinistras”. Reprovou a “absoluta desordem” que caracterizava as ruas daquela “povoação estranha.”

Avistou no arraial um “acervo incoerente de casebres escuros e pequenos”, o que sugeria ter sido “construído rapidamente, vertiginosamente, febrilmente – numa noite – por uma multidão de loucos!” (CUNHA, 2000: 199-204). Enfim, o correspondente presenciou menos de três semanas da luta, provavelmente saindo de Canudos na manhã de 3 de outubro, por conta dos seus acessos de febre, resultantes das condições da guerra. Portanto, não assistiu ao massacre dos prisioneiros, ao incêndio e à queda da cidade, à exumação do cadáver do Conselheiro e à descoberta dos seus manuscritos. As cenas em questão, ausentes das suas reportagens, foram narradas com poucos detalhes em *Os Sertões* (VENTURA, 2003: 174; CALAZANS, 1969: 47-50).

Euclides retornou a Salvador no dia 13 de outubro. A esse respeito, uma nota do *Jornal de Notícias*, intitulada “O trem de hoje”, permite identificar o horário de chegada do correspondente de guerra: “Às 10 horas e 40 minutos da manhã, o trem ordinario trouxe mais os seguintes officiaes, que estiveram nos ultimos combates de Canudos e 68 praças de diversos corpos do exercito. Eis os nomes dos officiaes: engenheiros militares capitão [sic] Euclides Cunha e tenente Domingos Alves Leite” (*Jornal de Notícias*, 13 de outubro de 1897: 02). Não obstante o erro na patente do engenheiro militar, esta informação biográfica era desconhecida no âmbito dos estudos euclidianos, até a publicação do presente trabalho. Finalmente, em 16 de outubro, a bordo do vapor *Brasil*, Euclides deixou a *Bizâncio dos trópicos*, rumo ao Rio de Janeiro. Na edição do dia seguinte, o *Diário da Bahia* dedicou generosa coluna ao assunto, com os costumeiros elogios ao “vigor e brilhantismo do aparelhado talento” do escritor. Quanto ao lugar da futura obra que seria produzida pelo “ilustre paulista”, o jornal fez um prognóstico: “Dispensemo-nos de acrescentar a estas linhas quanto de valioso para a historia e para as lettras nacionais será esse livro que a penna laureada do distincto engenheiro vae traçar” (*Diário da Bahia*, 17 de outubro de 1897: 02).

Portanto, a permanência em Salvador, as leituras realizadas ao longo do período e o contato direto com os horrores da guerra, foram capitais para transformação do projeto literário denominado *A nossa Vendéia* em *Os Sertões*. Através da leitura das cartas, dos telegramas, das reportagens, das anotações da *Caderneta de Campo*, enfim, nas confissões e nas entrelinhas dos escritos auto-referenciais, pode-se surpreender outra máscara euclidiana, distinta do cultor inflexível do evolucionismo e do positivismo, que produziu o livro por muitos considerado a maior obra da literatura brasileira. Em síntese, a pesquisa em jornais e outras fontes documentais sobre a presença de Euclides da Cunha na Bahia pode revelar indícios sobre um período da vida do escritor ainda insuficientemente estudado – o que não é irrelevante em um ano no que é celebrado o centenário de morte do engenheiro-escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALAZANS, José. Euclides da Cunha nos jornais da Bahia. **Revista de Cultura da Bahia**, Salvador, nº 4, p. 47-50, jul. dez. 1969.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de Campo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Diário de uma expedição**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

_____. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de um prólogo. In: _____ (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 7-24.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 167-182.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. In: ADBALA JR., Benjamin; ALEXANDRE, Isabel M.M. (Org.). **Canudos: palavra de Deus sonho da terra**. São Paulo: SENAC; Boitempo, 2001. p. 89-99.

_____. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.